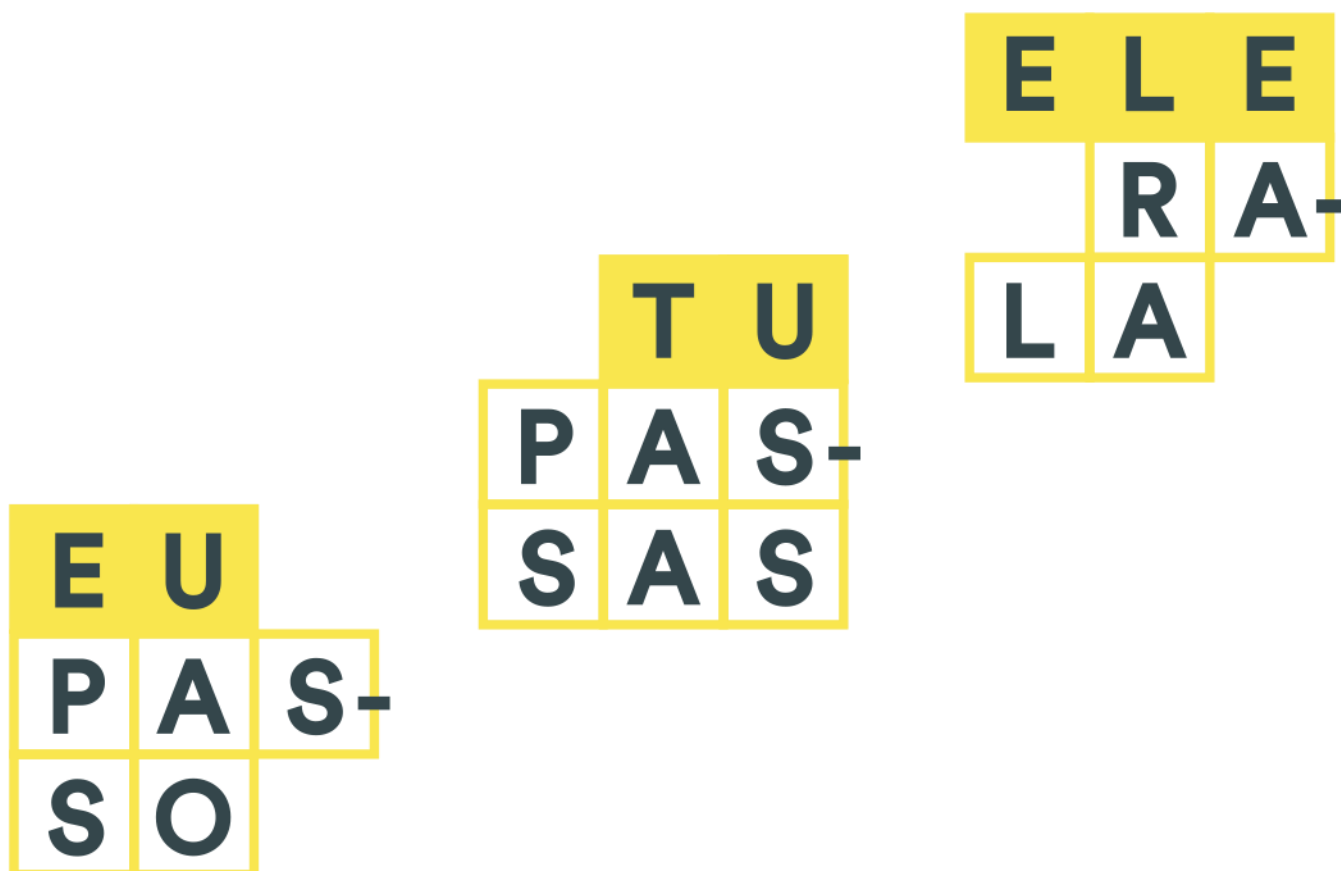


Romantismo - Prosa



Romantismo - Prosa

1. Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

(José de Alencar)

Para descrever Iracema, Alencar emprega palavras que apelam principalmente

- a) À razão
- b) Aos sentidos
- c) Aos sentimentos
- d) À fantasia

2. O FRADE E A FREIRA

Quando a região se povoava no trabalho da terra, vieram também os semeadores da Fé, pregando e sofrendo ao lado dos homens pecadores.

Um frade ali missionou, ensinando orações e espalhado exemplos de esperança. Era moço, forte, soldado da milícia que vencia o mundo, batalhando por Jesus Cristo.

Na aldeia não mais acampamento indígena e ainda não Vila-del-Rei, freiras divulgavam a ciência do esforço e do sacrifício, silenciosa e contínua como o correr de um rio na solidão.

Aqueles que se deram a Deus, só a Ele pertencerão eternamente. O amor divino é absoluto e completo. Nada restará para a esmola a outros amores.

Frade e freira, servo e esposa de Cristo, amaram-se, tendo os sinais visíveis do juramento a um outro amor, inviolável e severo.

Foram amando e padecendo, abafando no coração a chama alta do desejo fremente, invasora, sonora de paixão.

As razões iam desaparecendo na marcha alucinante de um amor tão vivo e maravilhoso como a terra virgem que o acolhia.

De furto, orando, chorando, penando, encontravam-se para um olhar mais demorado e uma recordação mais cruel e deliciosa.

Nas margens do Itapemirim andavam as duas sombras negras, lentas, numa procissão de martírio, resistindo às tentações da floresta, do silêncio e da vontade envolvente.

Se foram ou não um do outro, num milagre humano de esquecimento, não recorda a memória popular.

Apenas, uma vez, não voltaram às suas casas. Faltou um frade nas “matinas” e houve um lugar vago entre as freiras.

Às margens do Itapemirim, claro e rápido, sobre fundamentos de granito, ergueu-se o casal, num diálogo que atravessa os séculos, ouvido pelas tempestades e compreendido pelos passarinhos.

É o grupo do FRADE E A FREIRA...

Transformou-os Deus em duas estátuas de pedra reconhecíveis, identificáveis, perfeitas.

Não os separou nem os uniu num abraço perpétuo à face dos homens.

Deixou-os próximos e distanciados, nas atitudes de meditação e de reza, de sonho e de resignação, frente a frente, imagem de imóvel fidelidade, da obstinação amorosa, esperando o infinito.

E assim, eternamente, ficarão.

(CASCUDO, L. C. *Lendas brasileiras*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000, p. 79-81.)

A lenda O Frade e a Freira registra a chegada do colonizador ao Brasil, o povoamento e a formação de uma de suas regiões. Essa mesma temática é desenvolvida em:

- a) Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida.
- b) Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna.
- c) Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto.
- d) Iracema, de José de Alencar.

3. Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.

Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco.

Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dele cuidava, nem lhe veio a curiosidade de indagá-lo. Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulos*, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por ele tinha já feito.

(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*.)

(*) fâmulos: empregado, criado.

Neste excerto, mostra-se que o compadre provinha de uma situação de família irregular e ambígua. No contexto do livro, as situações desse tipo

- a) Caracterizam os costumes dos brasileiros, por oposição aos dos imigrantes portugueses.
- b) São apresentadas como consequência da intensa mestiçagem racial, própria da colonização.
- c) Contrastam com os rígidos padrões morais dominantes no Rio de Janeiro oitocentista.
- d) Ocorrem com frequência no grupo social mais amplamente representado.
- e) Começam a ser corrigidas pela doutrina e pelos exemplos do clero católico.

4. Todas as alternativas apresentam afirmações corretas sobre Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida, EXCETO:

- a) O romance denuncia a influência do meio sobre o homem.
- b) O romance descreve tipos característicos do século XIX.
- c) O romance refere-se a festas e folguedos da cultura brasileira.
- d) O romance valoriza as classes populares urbanas.

5. A personagem Leonardo Filho, do romance Memórias de um sargento de milícias:

- a) Apresenta um forte moralismo que o faz traçar um quadro crítico dos costumes e das classes sociais do início do século XIX.
- b) Classifica-se como um típico herói romântico, por seus infortúnios amorosos.
- c) Mostra-se como um vadio, que vive ao sabor do acaso, nada aprendendo com a experiência.
- d) Participa da condição servil, apresentando visões variadas da sociedade em que vive, a partir das diversas posições que nela ocupa.

6. Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba; Verdes mares que brilhaiis como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros; Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Esse trecho é o início do romance *Iracema*, de José de Alencar. Dele, como um todo, é possível afirmar que

- a) *Iracema* é uma lenda criada por Alencar para explicar poeticamente as origens das raças indígenas da América.
- b) As personagens *Iracema*, *Martim* e *Moacir* participam da luta fratricida entre os *Tabajaras* e os *Pitiguaras*.
- c) O romance, elaborado com recursos de linguagem figurada, é considerado o exemplar mais perfeito da prosa poética na ficção romântica brasileira.
- d) O nome da personagem-título é anagrama de América e essa relação caracteriza a obra como um romance histórico.
- e) A palavra *Iracema* é o resultado da aglutinação de duas outras da língua guarani e significa “lábios de fel”.

7. Analise as declarações sobre o Romantismo no Brasil.

I – O público leitor romântico se constituiu basicamente de mulheres e estudantes.

II – Com a popularização do romance romântico, obras passaram a ser escritas para o consumo.

III – O romance romântico veio atender uma necessidade de um público predominantemente rural.

- a) Apenas I é verdadeira.
- b) Apenas II é verdadeira.
- c) Apenas III é verdadeira.
- d) Apenas I e II são verdadeiras.
- e) I, II e III são verdadeiras.

8. O romance *Senhora* (1875) é uma das obras mais representativas da ficção de José de Alencar. Nesse livro, encontramos a formulação do ideal do amor romântico: o amor verdadeiro e absoluto, quando pode se realizar, leva ao casamento feliz e indissolúvel. Isso se confirma, nessa obra, pelo fato de

- a) O par romântico central – *Aurélia* e *Seixas* – se casar no início do romance, pois se apaixonam assim que se conhecem.
- b) O amor de *Aurélia* e *Seixas* surgir imediatamente no primeiro encontro e permanecer intenso até o fim do livro, quando o casal se une efetivamente.
- c) O casal *Aurélia* e *Seixas* precisar vencer os preconceitos socioeconômicos para se casar, pois ela é pobre e ele é rico.

- d) A união efetiva só se realizar no final da obra, após a recuperação moral de Seixas, que o torna digno do amor de Aurélia.
- e) O enriquecimento repentino de Aurélia possibilitar que ela se case com Seixas, fatos que são expostos logo no início do livro.

9. Machado de Assis guarda com Alencar uma relação de continuidade e, ao mesmo tempo, de descontinuidade; esta última relação é chave em seu método. Para Alencar, a sociedade é uma extensão da natureza, e ambas constituem um continuum em que o que possa ocorrer no social contrário à natureza (entendida a natureza como aquilo que a ideologia diz que ela é, quer dizer, a qualidade natural dos valores, das relações e caráter das pessoas segundo o modelo vigente em certa ordem social) será sempre “injusto” e “antinatural”. De modo que o enredo romanesco em Alencar dá os saltos necessários para aquela adequação, a fim de que a distância seja superada e o que é socialmente bom segundo certa ética e certa moral, o seja com a aprovação da “verdade natural”. Isto é, Alencar não sai do âmbito da ideologia, e seu texto está sempre a autorizá-la e a escamotear suas fissuras.

(Alfredo Bosi e outros. Machado de Assis.)

De acordo com o texto, a ideia de verdade natural de José de Alencar consiste em

- a) Usar a literatura como forma de denunciar o verdadeiro cenário social em que as pessoas vivem, atitude própria dos escritores realistas.
- b) Mascaram a realidade, criando pela literatura um cenário social que, na verdade, é contrário à natureza ditada pela ideologia vigente, o que é próprio dos românticos.
- c) Disseminar, de forma sutil, os valores injustos e antinaturais que ultrajam o sistema social, definindo, assim, os valores da literatura romântica condoreira.
- d) Explicitar, pela literatura realista-naturalista, a hipocrisia representada socialmente pela falta de ética e de moral.
- e) Transpor para a literatura os valores que legitimam determinada ordem social, conforme a ideologia vigente na sociedade, atitude própria de idealização sugerida pelo autor.

10. Leia o trecho a seguir, de José de Alencar.

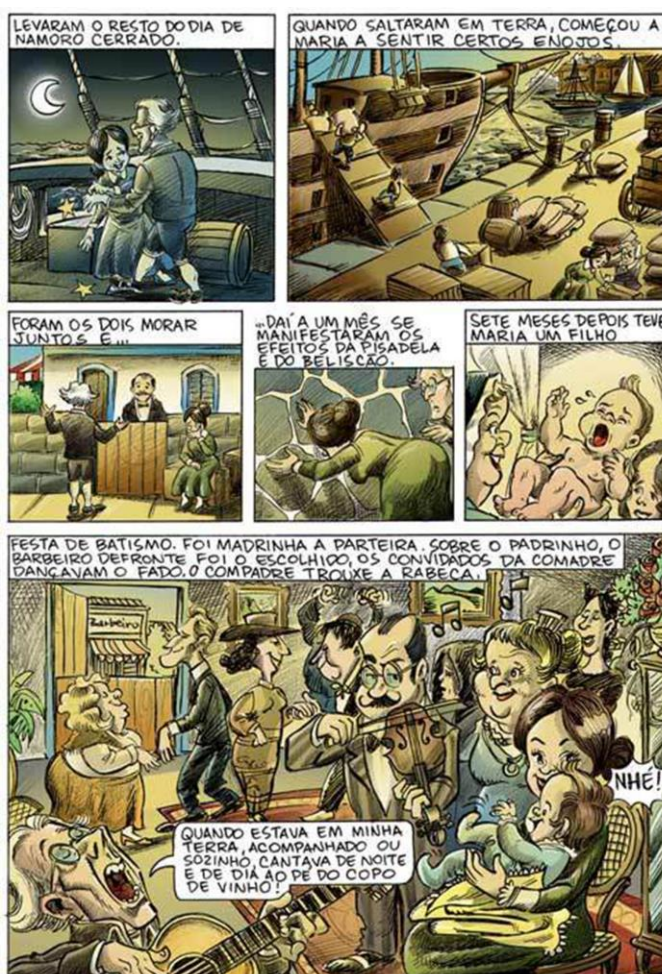
Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão. Assim costumava ela indicar o merecimento relativo de cada um dos

pretendentes, dando-lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia contava os seus adoradores pelo preço que razoavelmente poderiam obter no mercado matrimonial.

O romance Senhora, ilustrado pelo trecho.

- a) Representa o romance urbano de Alencar. A reação de ironia e desprezo com que Aurélia trata seus pretendentes, vistos sob a ótica do mercado matrimonial, tematiza o casamento como forma de ascensão social.
- b) Mescla o regionalismo e o indianismo, temas recorrentes na obra de Alencar. Nele, o escritor tematiza, com escárnio, as relações sentimentais entre pessoas de classes sociais distintas, em que o pretendente é considerado pelo seu valor monetário.
- c) É obra ilustrativa do regionalismo romântico brasileiro. A história de Aurélia e de seus pretendentes mostra a concepção do amor, em linguagem financeira, como forma de privilégio monetário, além de explorar as relações extraconjugais.
- d) Denuncia as relações humanas, em especial as conjugais, como responsáveis por levar as pessoas à tristeza e à solidão dada a superficialidade e ao interesse com que elas se estabelecem. Trata-se de um romance urbano de Alencar.
- e) Tematiza o adultério e a prostituição feminina, representados pelo interesse financeiro como forma de se ascender socialmente. Essa obra explora tanto aspectos do regionalismo nacional como os valores da vida urbana.

Vem que tem mais!



Os quadrinhos acima fazem parte da “Coleção Literatura Brasileira em Quadrinhos”, lançada pela Editora Escala Educacional, em 2009. Que obra está retratada nos quadrinhos acima?

- a) A família e a festa na roça, de Martins Pena.
- b) Histórias brasileiras, de Visconde de Taunay.
- c) Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida.
- d) O sertanejo, de José de Alencar.
- e) A moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo.

Gabarito

1. B
2. D
3. D
4. C
5. C
6. C
7. D
8. D
9. E
10. A

Gabarito “Vem que tem mais”!

1. C

Comentário: Facilmente identificável no quarto quadrinho ao comentário “...daí a um mês se manifestaram os efeitos da pisadela e do beliscão”, o que indica o nascimento de Leonardinho, filho de Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça.